

Nenhum casamento na igreja teria transmitido a êste jovem casal mais sabedoria do que a cerimônia primitiva a que se submeteram nas selvas

SUELLEN McANDREWS

Meu Marido Comprou-me por 40 Dólares e Uma Galinha



QUANDO o diretor do Corpo da Paz na Libéria me designou para ensinar na aldeia de Kpaiyea (Pai-ai) nas selvas, a uns 300 quilômetros da costa da África Ocidental, disse que eu não teria dificuldade alguma. “Será a única mulher branca na aldeia”, disse êle “mas já estão lá dois rapazes do Corpo da Paz e os habitantes são muito amistosos.” Êle não me disse que êles seriam também incansáveis casamenteiros.

Quando cheguei a Kpaiyea, sete crianças surgiram do mato, puseram minhas malas à cabeça e puxaram-me para o centro da vila, rindo e gritando: “Pessoal! Pessoal! A professora nova está chegando!” As mulheres também papagueavam com calor e curiosidade. Quando ficamos nos conhecendo melhor, o interêsse

delas deixava-me pouco tempo livre. Tôdas as manhãs, quando iam para os campos de arroz, paravam em frente da minha casa para me ver desempenhar as minhas estranhas tarefas. Eu tinha de ferver a água antes de bebê-la e as mulheres sempre caçoavam comigo: "A professôra branca desperdiça tanta água quente! Ela bebe a água quando devia dá-la ao Professor Bob para um banho quente. Depois êle pediria a ela negócio amigável."

O Professor Bob era Bob McAndrews, que estivera dirigindo a escola com outro voluntário, George Radcliffe. "Negócio amigável" significa realmente um casamento de experiência, "para ver os modos um do outro" e determinar se havia compatibilidade. "Nós não temos negócio amigável", tentava eu explicar, mas as mulheres apenas riam e me davam tapinhas nas costas.

Com o tempo, entretanto, nasceu um romance entre mim e Bob; e imediatamente todos na aldeia começaram a nos dar conselhos. As mulheres de Kpaiyea com freqüência concebem antes do casamento, para provarem sua fertilidade. Depois que convenci as mulheres de que eu não tinha tais intenções, os maridos delas chamaram Bob à parte e disseram-lhe:

—Nós queremos que você seja um homem feliz, de modo que temos outra mulher muito bonita para o seu negócio amigável.

Bob recusou o oferecimento e pediu-me que casasse com êle. Mas quando dissemos aos habitantes da vila que planejávamos nos casar na igreja em Monróvia, indagaram:

—Como poderemos saber se uma coisa é verdadeira se não fôr feita diante dos nossos olhos?

Diante disso, nos decidimos por uma cerimônia tribal, e os moradores nos ajudaram nos preparativos.

Antes que o ritual pudesse ter lugar, explicaram, Bob teria de convencer meu pai e minha mãe (que estavam vindo de avião) de seu amor por mim, oferecendo a meu pai os melhores presentes que pudesse encontrar e comprar. Um habitante da aldeia economiza às vezes durante anos para depois o sogro em



perspectiva se recusar a lhe dar a filha por não considerar os presentes bastante bons. Para livrá-lo de tal embaraço, o chefe aconselhou Bob a dar ao futuro sogro o melhor de todos os presentes—uma vaca. Mas Bob não poderia dispor dos 120 dólares necessários para adquirir o animal. Então os anciãos concordaram em que o presente fôsse mais barato.

No dia da cerimônia enfiei pela cabeça a minha *bubba*, uma blusa sem mangas com um franzido na beirada, e enrolei a *lappa*, ou saia combinando com a blusa, em volta da cintura, de modo a ficar pouco abaixo dos joelhos. E dirigimo-nos para o centro da aldeia. A maior parte dos habitantes estava reunida ali em círculo. Fizeram-me sentar ao lado de meus pais sôbre um tapête de um lado do círculo e Bob sentou-se do lado oposto.

O Chefe Gbigbi saiu de sua cabana, majestoso em sua nova túnica branca bordada. Notei que fôra aparado o seu cavanhaque branco. Os aldeões silenciaram imediatamente quando êle ergueu os braços. Falou em Kpelle (o dialeto tribal) e um habitante proeminente traduziu. “Isto é um acontecimento honroso para Kpaiyea e para a Libéria”, começou o chefe. “É a primeira vez que um homem e uma mulher brancos vêm se casar na nossa aldeia. Agora todos os olhos podem ver que está sendo feito de maneira apropriada.”

Fêz um sinal na direção de sua cabana e dois anciãos apareceram car-

regando pacotes embrulhados em panos de complicados desenhos em roxo e amarelo que tinham sido tecidos na aldeia. Ficaram de pé junto de Bob e o chefe entoou:

—O Professor Bob tem visto Suelen caminhando pela vila e gosta de seus modos. Aqui está êle de boa fé para comprá-la para espôsa.

Era o momento de Bob oferecer seus presentes a meu pai. Tomando um dos pacotes do ancião da sua esquerda, êle o entregou ao chefe, que o desembalhou, exibindo uma túnica de listras azuis, castanhas, pretas e brancas com um complicado bordado côm de laranja na gola. O chefe fêz sinal ao meu pai para que levantasse os braços e, com cuidado, enfiou a peça de roupa pela cabeça dêle. Os moradores da aldeia bateram palmas e aplaudiram: “O Professor Bob pode fazer uma coisa boa”, gritavam.

A seguir outro embrulho, de notas de dólares, foi entregue a Bob. Êle deu o dinheiro ao chefe, que o contou devagar, entregando depois a meu pai nota por nota, dizendo:

—Sabemos que é doloroso para o senhor criar uma filha todos êstes anos e depois vê-la sair de casa com outro homem. De acôrdo com nosso costume, o homem que desejar sua filha deve dar-lhe 40 dólares como compensação pela perda. Êste é o pagamento que firma os casamentos liberianos. Se Suelen deixar Bob, êle poderá pedir-lhe a restituição dos 40 dólares por todo o aborrecimento que ela lhe causou.

Meu pai sorriu e agradeceu ao chefe, colocando o dinheiro no fundo do bôlso de sua túnica nova.

Carne fresca é coisa rara em Kpaiyea, de modo que foi com prazer que o chefe pediu a Bob para apresentar o último presente, uma galinha branca muito grande que fôra trazida de uma aldeia próxima. O chefe tomou a ave agitada das mãos de Bob, levantou-a no alto para que todos a vissem, entoando acima de seus cacarejos: “Esta bela galinha branca é o símbolo do coração puro de Bob. O senhor aceita êste e os outros presentes como pagamento por sua filha?”

Meu pai fêz que sim com a cabeça e um ancião levou triunfantemente a ave para a cabana que servia de cozinha para ser incluída nas iguarias da festa que se preparava.

Então o chefe perguntou-me:

—Professôra Suellen, você conhece a parte boa e má dêste homem, Bob McAndrews, e está disposta a viver na mesma casa com seu lado mau e seu lado bom juntos?

—Estou—respondi.

O chefe levantou um braço na direção de Bob, outro na minha e disse:

—Gente de Kpaiyea e da América, vocês viram os finos presentes do Professor Bob e ouviram a Professôra Suellen, que diz conhecer o gênio dêste homem e ser feliz vivendo com êle. O pai de Suellen também está satisfeito. Agora é a minha vez de dizer alguma coisa sôbre êste negócio matrimonial.

Tomou-me pela mão e me levou até junto de Bob e sentamo-nos um ao lado do outro.

—O amor pode ser uma coisa fácil agora—disse o chefe em palavras claras e voz alta.—Mas todos vemos com nossos olhos que todos os dias eu, como chefe e juiz de Kpaiyea, tenho de ficar sentado muitas horas ouvindo debates entre marido e mulher para ver quem está certo ou errado, quando se agastam um com o outro. Isso não é bom. De modo que digo a vocês que o casamento deveria ser como esta história:

Dois amigos viviam longe um do outro em aldeias separadas. Uma noite chovia forte e não havia luar, mas um dos amigos acordou e pensou em ir ver o outro. Começou a caminhar sempre com mêdo dos raios que poderiam atingi-lo ou do fantasma da noite que poderia comê-lo. Entretanto, êle não parou enquanto não chegou à casa do amigo. A essa altura já estava tão molhado como se êle próprio fôsse um rio. Mas apanhou lenha sêca num canto, fêz uma fogueira e também arroz fresco para dar ao amigo, que então já tinha acordado, uma refeição quente. “Por que você veio com essa chuva forte e à noite?”, perguntou-lhe o amigo. “Porque eu queria estar ao seu lado, meu amigo. Venha, vamos comer”, respondeu êle.

—Assim, Professôres Bob e Suellen—continuou o chefe—eu lhes digo isto: vocês devem lembrar-se sempre desta história e ser felizes em amar um ao outro, mesmo quando êle não pedir e antes de cuidar de si

mesmo.—Levantou os braços, jogou a cabeça para trás e gritou:—Agora, ouçam todos! Vamos comemorar, cantar e dançar, pois o Professor Bob McAndrews comprou para si uma mulher muito bonita!

Os habitantes deram hurras de alegria, bateram palmas e gritaram:

—Bonita! Bonita!”

E correram a apertar nossas mãos e bater em nossas costas. Os tambores começaram a vibrar e depois de um banquete de arroz, mólho de ga-

linha, frutas e vinho de palmeira, todos nós dançamos num arrebatamento de felicidade até tarde da noite.

Na manhã seguinte levamos meus pais para Monróvia, de carro. Lá Bôb e eu nos casamos outra vez numa cerimônia simples e discreta na igreja. Mas para nós dois os símbolos mais significativos do nosso casamento foram quarenta notas de um dólar, uma galinha branca—e a sabedoria antiga do Chefe Gbigbi.



Vistas e Sons da Cidade

UM HOMEM cochilava num metrô de Nova York, com as pernas estiradas e os braços cruzados. Outro passageiro, sentado diante dêle, armado de uma máquina Polaroid, tirou-lhe o retrato e enfiou-lho no bôlso.

—M. L.

UMA IRLANDESA idosa, mostrando uma imponente residência em Nova York, disse à amiga: “É ali que eu trabalho tôdas as quartas-feiras, e, imagine, a única coisa que faço é ficar sentada junto do gato durante cinco horas. Não é uma bênção de Deus que algumas pessoas nasçam malucas?”

—D. C. O.

Um freguês, numa loja, aproximou-se de uma vendedora que estava sem fazer nada. “Eu ainda não voltei do almoço”, avisou ela.

—Robert Sylvester, Chicago Tribune, New York News-Syndicate



Resposta Esperta

QUANDO um homem mascarado entrou no Western National Bank, em Casper, Wyoming, e exigiu dinheiro, a Sr.^a Thelma Anderson, a caixa mais nova do banco, teve uma resposta pronta:

—Não me aborreça—respondeu ela.—Eu sou principiante. —UPI